



NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CADERNO ESPAÇO FEMININO

Sejamos todos feministas, de Chimamanda Ngozi Adichie¹

Deni Iuri Soares Candido da Silva^(*)

Nataly Lemez Valdez^(**)

A obra *Sejamos Todos Feministas*, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2015), é uma adaptação do seu discurso/palestra no evento intitulado *TEDxEuston* no ano de 2012. A obra é uma edição de bolso da editora Companhia das Letras com 64 páginas.

O livro está organizado da seguinte forma: 50 páginas sobre a palestra proferida pela autora, 2 páginas dedicadas à sua biografia e 12 páginas de fortuna crítica da obra. Portanto, esta é uma daquelas obras que se lê de uma vez só, ou como dizem aqui no Paraná, “numa sentada só”.

Não existem divisões em capítulos ou subcapítulos. As únicas divisões que existem no texto são duplos espaçamentos entre uma linha de pensamento e outra. Ressalta-se, porém, que entre um raciocínio e outro tudo está muito bem conectado. Vale destacar que, no ano de 2013, Beyoncé utilizou fragmentos do discurso de Chimamanda Ngozi Adichie na composição da canção *Flawless*, sendo considerada um dos maiores sucessos da cantora naquele ano.

¹ Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, na Nigéria, em 1977. Autora dos romances *Meio sol amarelo* (2008), *Hibisco roxo* (2011) e *Americanah* (2014).

(*) Graduando em Letras-Espanhol, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Foz do Iguaçu, com pesquisas e atividades nas áreas de gênero, sexualidade, literatura e educação. E-mail: denny.iury@gmail.com.

(**) Pedagoga e Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino e em Docência do Ensino Superior. Atua como docente no curso de Enfermagem na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu-PR.

Entretanto, cabe-nos a seguinte advertência: embora a obra seja muito breve o conteúdo temático é denso, ou seja, o leitor não deve se enganar com a brevidade da leitura porque as reflexões teóricas da autora perpassam por questões que transcendem a ideias preliminares de feminismo, gênero, sexualidade, lugar social de mulheres e homens e, principalmente, do tipo educação formal e informal que crianças recebem em suas famílias e instituições de ensino. Por esta razão, esta resenha está organizada em duas seções: primeiro em “*A desconstrução do discurso sexista por Chimamanda*”, o segundo em “*O que Chimamanda pode fazer com você?*”. Assim sendo, passemos à primeira seção.

A desconstrução do discurso sexista por chimamanda

Em *Sejamos Todos Feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2015), claramente quando se lê o título da obra, imagina-se que o conteúdo temático da obra abordará única e exclusivamente questões do feminismo. Porém, é importante que o leitor esteja receptivo a “navegar por outros mares”, por que falar de feminismo implica não apenas aquilo que concerne ao universo feminino, mas também, àquilo que está diretamente ligado ao universo dos homens e toda sua construção social. Desta maneira, é imprescindível estar atento a duas definições importantes: a de gênero e sexualidade, pois estas noções estão explicitamente refletidas em todas as discussões que são problematizadas na obra. Sendo assim, *Gênero* é a “classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independente do sexo” (JESUS, 2012, p. 13), o que difere da condição sexual ou orientação sexual, sendo a “atração afetivo-sexual por alguém. *Sexualidade*. Diferente do senso de pertencer a algum gênero” (JESUS, 2012, p. 15), ou seja, o gênero está para definir as expressões e a forma como cada indivíduo identifica-se, e a sexualidade está para definir as práticas sexuais e afetivas de cada sujeito.

Feito isso, podemos seguir com as discussões propostas pela autora. As questões de gênero ou as imposições sobre esses aspectos estão conosco desde que nascemos. Somos designados aos gêneros feminino e masculino antes

mesmo do nascimento! Quando nascemos essas designações tornam-se mais contundentes, em virtude do sexo biológico, pois o nome da criança é definido a partir do ser macho ou fêmea. E por consequência dessa designação, a autora afirma que são definidas as formas de educar meninas e meninos. Tal questão foi percebida por Chimamanda durante a infância, isto é, a distinção dos papéis sociais de meninas e meninos são, primeiramente, condicionados pelo fator biológico. Em outras palavras, para o discurso patriarcal e, portanto, sexista, meninas e meninos têm direitos e formas de tratamentos diferenciados devido a fatores biológicos.

Ainda neste contexto, a autora relata que durante o ensino primário sua professora estabeleceu que o aluno que tirasse a maior nota da turma teria o direito ao cargo de monitor, entusiasmada com a ideia de ser monitora de sua turma, Adichie se esforçou e tirou a maior nota, porém, a professora se esqueceu de informar à turma que o monitor só poderia ser um menino, sendo assim, o monitor foi a pessoa que tirou a segunda maior nota da sala. Segundo ela, essas “pequenas” coisas despertaram-na para o discurso vigente: que ser menina/mulher, era ser menos que ser menino/homem, era não ter os mesmos direitos e viver marginalizada.

Sabia que, por ser mulher, eu automaticamente teria que *demonstrar* minha capacidade. E estava com medo de parecer feminina. E estava com medo de parecer feminina demais, e não ser levada a sério. Queria passar batom e usar uma saia bem feminina, mas desisti da ideia. Escolhi um terninho careta, bem masculino e feio (ADICHIE, 2015, p. 40).

Tenho uma “leve” (nenhum pouco “leve”) impressão que nascer mulher nesse contexto em que vivemos, é ter a noção de você será limitada a viver sempre esperando a aceitação dos outros sujeitos.

Com base nessas observações da infância da autora, levantamos os seguintes questionamentos para reflexão do leitor:

Por que rosa é cor de menina e azul cor de menino?

Por que é normal meninos na adolescência se masturbarem, enquanto as meninas desconhecem o íntimo da sua sexualidade?

Enfim, são muitos questionamentos sobre as influências discursivas (leia-se, construção social) que cercam a questão de gênero e que ao não serem

questionadas são transmitidas às gerações futuras como verdades absolutas sobre aquilo que somos ou àquilo que não somos (SILVA, 2000).

Atualmente, o próprio ambiente escolar presta um desserviço para a desconstrução dos gêneros, pois, continuam auxiliando na manutenção daquilo que é considerado como norma, quando, meninos continuam apenas jogando bola, meninas apenas pulando corda e brincando de amarelinha. Todavia, esse não é o problema! O problema consiste em normatizar e padronizar essas ações, pois, nem todos os meninos gostam de jogar bola e nem todas as meninas gostam de boneca, porém, devido à normatização/padronização, essas crianças sofrem opressões quando não seguem o que é estabelecido como normal. Por esse motivo, é importante trabalhar com cursos de formação para professores, para que eles possam compreender o que é gênero, sexualidade e não auxiliar na manutenção de um sistema opressor, dando aos alunos a possibilidade de brincarem com o que quiserem e ressaltando que brincadeiras e cores não tem gênero e não influenciam na identidade de gênero ou na condição sexual de cada ser.

Partindo dessa experiência, é problematizado o que é normativo? “se homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens” (ADICHIE, 2015, p. 17), e dessa forma, tentamos compreender, qual é o espaço que a mulher tem?

Entretanto, discutir feminismo não é somente falar sobre os direitos que as mulheres devem ter e a equidade que deve existir entre os gêneros. Falar sobre feminismo também é conseguir mostrar aos homens, que o machismo faz mal para eles mesmos, pois:

O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, como diz na Nigéria, *homens duros* (ADICHIE, 2015, p. 29).

É válido ressaltar, que a opressão/enclausuramento que o homem sofre é diferente do machismo que a mulher sofre, e não devem ser comparados, pois não pertencerem às mesmas classes. Enquanto a mulher é oprimida por

ser mulher, o homem é limitado, enclausurado por reproduzir e manter esse posicionamento machista.²

[...] “Minha mulher disse que não posso sair todas as noites, então daqui para frente, pra ter paz no meu casamento, só vou sair nos fins de semana”. Quando as mulheres dizem que tomamos determinada atitude para “ter paz no casamento”, é porque em geral desistiram de um emprego, de um passo na carreira, de um sonho (ADICHIE, 2015, p. 34).

Onde estamos erramos? Estamos errando?

Adichie diz que, “ensinamos que, nos relacionamentos, é a mulher quem deve abrir mão das coisas” (ADICHIE, 2015, p. 34), sem levar em conta a supervalorização que atribuímos à sexualidade masculina e o desprezo, falta de interesse em discutirmos sobre a sexualidade feminina, quando é apontado que “[...] elogiamos a virgindade delas, mas não a dos meninos (e me pergunto como isso pode funcionar, já que a perda da virgindade é um processo que normalmente envolve duas pessoas).” (ADICHIE, 2015, p. 35).

Por que é recomendado que mulheres casem virgem, enquanto, caso o homem não casar virgem, será considerado como normal?

Necessitamos urgentemente falar sobre feminismo, pois, quando falamos sobre igualdade de gênero e equidade social, estamos falando automaticamente sobre feminismo, e feminista é: “uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos” (ADICHEI, 2015, p. 49)³. Diria eu que, igualdade entre os gêneros independentemente da sexualidade.

O que chimamanda pode fazer com você?

² O vídeo a seguir *Homem Feminista – Pergunte às Bee 78*, do canal das Bee, traz discussões sobre o papel do homem dentro do movimento feminista. Deixo aqui como material de apoio para compreender os debates que envolvem o feminismo. <https://www.youtube.com/watch?v=xc9I9dhjqMs>

³ Atualmente existe um debate muito grande sobre o posicionamento do homem dentro do movimento feminista. Ao mesmo tempo em que existem teorias e feministas que dizem que o homem pode ser considerado feminista, existem vertentes que não incluem o homem dentro do movimento, da mesma forma, que excluem a mulher trans do movimento. Enfim, creio que o presente comentário é válido para discutirmos sobre quem faz parte do movimento feminista.

Definitivamente estamos discutindo, desconstruindo, construindo, ou até mesmo reconstruindo nossas definições de cultura.

Tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. Tenho duas sobrinhas gêmeas e lindas de quinze anos. Se tivessem nascido há cem anos, teriam sido assassinadas: há cem anos, a cultura Igbo considerava o nascimento de gêmeos como um mau presságio. Hoje essa prática é impensável para nós (ADICHIE, 2015, p. 47).

Sejam Todos Feministas, de Chimamanda Ngozi Adichie (2015), aborda de forma muito objetiva e clara as temáticas propostas, além de dar definições sobre temas que muita das vezes temos dificuldades em definir. “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.” (ADICHIE, 2015, p 48).

Referência

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejam todos feministas*. Trad. Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. Brasília: Autor, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Texto recebido em: 21/02/2018

Texto aprovado em: 20/06/2018